

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

IMAGENS QUE FALAM: A NARRATIVA VISUAL DO COTIDIANO DE JOVENS
GAROTAS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO CARLOS - SP

Gabrieli Caroline Redondo

São Carlos

2025

GABRIELI CAROLINE REDONDO

IMAGENS QUE FALAM: A NARRATIVA VISUAL DO COTIDIANO DE JOVENS
GAROTAS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE SÃO CARLOS - SP

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Profa. Dra. Lívia Celegati Pan

São Carlos

2025

IMAGENS QUE FALAM: A narrativa visual do cotidiano de jovens garotas estudantes de uma escola pública de São Carlos – SP

Gabrieli Caroline Redondo

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Terapia Ocupacional pela Universidade Federal de São Carlos.

Profa. Dra. Livia Celegati Pan
Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Marina Leandrini de Oliveira
Universidade Federal de São Carlos

"À minha eu do futuro, que hoje sorri com orgulho por cada noite sem dormir, cada desafio superado e cada dia vivido no limite. Eu consegui."

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil. Foram anos intensos, de muita dedicação, cansaço e noites sem dormir, tentando equilibrar uma rotina puxada de trabalho e uma faculdade de ensino integral. Muitas vezes, senti que estava no limite, mas, felizmente, não estive sozinha nessa caminhada.

Primeiramente, agradeço a Deus, por me dar forças para seguir em frente, pela saúde que me permitiu chegar até aqui e por ter colocado em meu caminho pessoas tão boas, que me acompanharam e me sustentaram ao longo desse processo.

À minha orientadora, Lívia, minha guia nesse processo, que esteve comigo em cada etapa, com paciência, incentivo e apoio incondicional. Sua orientação fez toda a diferença para que este trabalho fosse possível.

Às minhas amigas Sofia e Nicole, que não me deixaram desistir quando tudo parecia pesado demais. Obrigada por cada palavra de apoio, cada momento de acolhimento e por acreditarem em mim até quando eu mesma duvidei.

À minha mãe e ao meu pai, que sempre me ajudaram da forma que podiam, sendo meu porto seguro durante toda a graduação. Sei que não foi fácil para vocês me verem passando por tanto estresse e cansaço, mas o apoio de vocês foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Ao meu namorado, Renan, que soube ser meu alívio em meio ao caos, me motivando e me mimando nos momentos em que eu mais precisava de acolhimento. Seu carinho e paciência me deram forças para continuar.

E um agradecimento muito especial às meninas que participaram deste projeto. Sem vocês, ele simplesmente não existiria. Cada imagem, cada relato e cada partilha trouxeram vida a esta pesquisa e mostraram o quão potente é a narrativa visual do cotidiano de jovens estudantes. Vocês sabem o quão importantes foram, e sou profundamente grata por terem permitido que suas vozes ecoassem através deste trabalho.

A todos vocês, meu mais sincero obrigada. Esse trabalho não é só meu, ele carrega um pedaço de cada um que esteve ao meu lado nessa trajetória.

RESUMO

Este trabalho parte da compreensão de que o cotidiano de adolescentes e jovens é atravessado por marcadores sociais como gênero, classe e território. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e participativo, cujo objetivo foi compreender as vivências cotidianas de jovens garotas estudantes de uma escola pública. Utilizou-se a metodologia Photovoice como recurso de expressão e análise, aliando produção de imagens à escuta e reflexão crítica. A investigação foi realizada em uma escola pública localizada na periferia de São Carlos - SP, com a participação de estudantes do gênero feminino, que registraram aspectos significativos de sua rotina por meio de fotografias que foram, posteriormente, compartilhadas coletivamente entre as todas as participantes. A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática, permitindo identificar categorias emergentes a partir dos relatos orais e visuais das participantes. Os encontros em grupo possibilitaram a construção coletiva de narrativas a partir das imagens, abordando temas como autoestima, autocuidado, relações familiares, sobrecarga de tarefas domésticas, pressões estéticas, rivalidade entre meninas e projetos de futuro. As fotografias e os relatos revelaram tanto desafios quanto potencialidades presentes no cotidiano, com destaque para os vínculos afetivos com figuras femininas, especialmente as mães, e o desejo de reconhecimento e pertencimento. Entre os principais desafios, destacam-se a desigualdade de gênero nas responsabilidades domésticas, a conciliação entre estudo e cuidado familiar e as exigências relacionadas aos padrões estéticos. Conclui-se que esta pesquisa aponta para a importância de reconhecer os saberes e experiências de jovens garotas como forma de promover espaços educativos mais equitativos e sensíveis, assim como, contribuiu para o fortalecimento da terapia ocupacional social, ao demonstrar a potência de metodologias participativas na promoção participação e na visibilização de vivências muitas vezes silenciadas no contexto escolar e social.

Palavras-chave: Photovoice; juventude; gênero; cotidiano; Terapia Ocupacional Social.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 - Corredor da escola que as estudantes frequentam	26
Fotografia 2 - Celular com série sendo exibida na tela	29
Fotografia 3: unhas longas e pintadas	32
Fotografia 5: Cabelo cacheado em processo de transição capilar refletido no espelho	34
Fotografia 6: Pés de duas amigas usando sapatos parecidos	37
Fotografia 7: Um pote de sorvete de açaí	40
Fotografia 8: Bolo de aniversário com vela acesa	42

LISTA DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação

METUIA/UFSCar – Programa de extensão universitária em Terapia Ocupacional Social

ONU – Organização das Nações Unidas

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

WHO – World Health Organization (Organização Mundial da Saúde)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. OBJETIVOS.....	19
2.1. Objetivo geral	19
2.2. Objetivos Específicos	19
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	24
4.1. Escola: entre o pertencimento e os conflitos	26
4.2. Celular: conexões ou isolamento?	29
4.3. Pintar as unhas: entre a expressão de si e a afirmação de padrões	32
4.4. Cabelos: entre afirmação de identidade e normas estéticas.....	34
4.5. Potências e fragilidades na rede de amizades entre garotas	37
4.6. Comida como marca estética e de vivências	40
4.7. Celebração, afeto e desigualdades	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6. REFERÊNCIAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

A terapia ocupacional social constitui um campo de atuação e produção de conhecimento que, tomando as demandas advindas da questão social, pauta o compromisso com as transformações sociais (Barros et al., 2002; Lopes, 2016). Desde suas proposições iniciais no campo social, na década de 1970, a terapia ocupacional estruturava-se como um espaço voltado à inserção e integração do sujeito à comunidade. No entanto, apesar das contribuições importantes naquele período, essa abordagem ainda estava centrada na adaptação social do indivíduo. Com a consolidação da subárea da terapia ocupacional social, a partir do final da década de 1990, passou-se a promover uma reflexão mais crítica e profunda sobre os problemas estruturais e as desigualdades que atravessam a vida dos sujeitos, buscando não apenas a adaptação, mas a transformação das condições sociais (Lopes, 2016). Assim, a terapia ocupacional social coloca-se como uma subárea da profissão voltada para o fomento de intervenções coletivas e individuais que contribuam para a justiça social e o enfrentamento das situações de vulnerabilidade social vivenciadas pelos sujeitos (Barros, 2004).

É nesse campo de atuação que se insere este Trabalho de Conclusão de Curso, cujo objetivo é compreender as experiências do cotidiano de jovens garotas, utilizando como estratégia metodológica o *Photovoice*. Investigar o cotidiano de meninas em contextos de desigualdade social constitui-se como um elemento para compreender como essas experiências moldam suas identidades, seus modos de vida, de enfrentamento dos desafios e a construção de si enquanto cidadãs. Assim, ao trazer à tona as vozes e imagens capturadas por jovens meninas, pretende-se compreender como elas vivem, sentem e se organizam em seus cotidianos nos âmbitos escolar, familiar e social. A proposta é que, a partir desse olhar, a terapia ocupacional social possa desenhar ações que ampliem possibilidades de reflexão e produção de sentidos sobre si e sobre o mundo. Este estudo visa não apenas compreender, mas também subsidiar a formulação e o fortalecimento de práticas educacionais e terapêutico-ocupacionais que promovam o empoderamento e o protagonismo de jovens em seus contextos cotidianos. Isso envolve considerar as expectativas para além dos caminhos tradicionais esperados para as juventudes, especialmente àquelas da parcela pobre da população, como o trabalho e os estudos, valorizando as experiências coletivas, os afetos, as redes de apoio e os territórios que essas meninas ocupam e os seus significados.

Dessa forma, este trabalho apresenta os resultados de uma investigação realizada com meninas estudantes de uma escola pública periférica da cidade de São Carlos/SP, por meio de

registros imagéticos e das narrativas construídas a partir dessas imagens, revelando aspectos significativos de seus cotidianos, afetos, desafios e modos de ser e estar no mundo.

Ao se eleger como foco as experiências de jovens, considera-se aqui o gênero como marcador central para a análise. Carregar a marca do gênero feminino, desde a infância e a juventude, implica enfrentar desigualdades específicas no cotidiano — como a responsabilização precoce por tarefas domésticas, o controle sobre a aparência e o corpo e diferentes formas de violência simbólica e estrutural (Louro, 1997). Nesse sentido, o conceito de gênero, tal como formulado por Scott (1990), é mobilizado como uma ferramenta crítica para compreender tais vivências. Para além do determinismo biológico presente em noções como "diferença sexual", gênero é aqui compreendido como uma construção social e relacional, que organiza relações de poder e estrutura o modo como mulheres e meninas experienciam o mundo.

Embora a categoria 'juventude' no Brasil abrange pessoas com idade entre 15 e 29 anos (Brasil, 2013), este trabalho envolveu principalmente meninas em idade escolar, algumas delas com menos de 15 anos, situadas, portanto, em uma faixa etária correspondente à adolescência. Contudo, opta-se aqui pelo uso do termo 'juventude', entendendo-o como uma construção social que ultrapassa a mera definição etária. Como aponta Dayrell (2003), a juventude deve ser compreendida a partir das condições históricas, sociais e culturais que atravessam a vida dos sujeitos, sendo vivida de modos distintos conforme classe, gênero, raça e território. Nesse sentido, mesmo tratando de adolescentes, adota-se o termo 'juventude' para destacar as experiências sociais compartilhadas que marcam esse período da vida, sobretudo em contextos de desigualdade.

Segundo dados do Censo (2022), estima-se que a população juvenil no país chegue a 45 milhões, representando 22,3% da população total, sendo as garotas aproximadamente 51% desse grupo (IBGE, 2023).

Tendo em vista que diversas pesquisas apontam as expressivas violações de direitos e a exposição a riscos e violências a que estão submetidas mulheres e meninas — como a violência doméstica, sexual, simbólica e institucional (FBSP, 2023; ONU MULHERES, 2021; IPEA, 2021), tomou-se aqui o gênero como primeiro marcador de análise (Oliveira & Pan, 2023). Autoras como Saffioti (2004), Segato (2003) e Scott (1995) evidenciam como as construções sociais de gênero contribuem para a manutenção de desigualdades e vulnerabilidades. Assim, reforça-se a importância do desenvolvimento de estudos que considerem as especificidades deste grupo populacional, especialmente no contexto de territórios marcados por desigualdades sociais e violações.

Ao adotar esse enfoque, espera-se poder contribuir com a discussão e formulação de políticas e ações que atendam melhor às necessidades das garotas, ajudando a criar espaços que favoreçam o enfrentamento das opressões de gênero vividas, a partir da terapia ocupacional social.

As funções socialmente atribuídas às mulheres ao longo da história exercem influência marcante em suas vidas desde muito novas, produzindo efeitos sobre o modo como se percebem e são percebidas. A juventude, nesse contexto, adquire um valor simbólico e estético que, embora se aplique a jovens em geral, incide com especial intensidade sobre as meninas, cujos corpos são frequentemente alvos de controle, vigilância e objetificação. Margulis e Urresti (1996) apontam que a juventude é tratada como uma mercadoria socialmente valorizada, cuja imagem é comprada e vendida no mercado do desejo como veículo de distinção e legitimidade. No caso das garotas, essa lógica se entrelaça com padrões de beleza, feminilidade e sexualização, reforçando desigualdades de gênero.

Para Abramovay e Castro (2015) as diferentes juventudes não são “estados de espírito” e sim uma realidade palpável que tem sexo, idade, raça, fases, uma época que passa cuja duração não é para sempre, ou seja, uma geração. As possibilidades de experimentação e vivência dessa fase da vida depende, fundamentalmente, das condições materiais e sociais, dos contextos, das linguagens e formas de expressão, ou seja, gênero e classe, enquanto marcadores utilizados neste estudo, em correlação com a própria juventude, que também pode ser considerada como um marcador, refletem particularidades que merecem serem mais bem compreendidas.

Cabe ressaltar que os marcadores sociais da diferença são compreendidos como formas pelas quais as diferenças são socialmente produzidas, podendo gerar efeitos de hierarquização, discriminação e desigualdade (Almeida et al., 2018). Assim, é possível, a partir da compreensão dessas diferenças, contribuir com proposições mais pertinentes à realidade social, que reflitam a diversidade e a singularidade das experiências das juventudes.

Ao investigar o dia a dia dessas jovens garotas, pretende-se ultrapassar a mera documentação de suas experiências. Alinhado à perspectiva teórico-metodológica da terapia ocupacional social (Malfitano, 2016; Lopes, 2016), buscou-se compreender as complexidades das interações sociais cotidianas, reconhecendo tanto os desafios vivenciados quanto as potencialidades presentes na produção de estratégias coletivas de enfrentamento e resistência.

Nessa abordagem, o cotidiano é concebido como território atravessado por desigualdades, mas também como espaço de invenção, participação e produção de sentidos (Galheigo, 2020; Farias, Lopes, 2023). Assim, ao colocar em foco o “ser menina/garota” em seus contextos concretos, o trabalho buscou favorecer espaços de escuta, reflexão e visibilidade

dessas vivências, contribuindo para o fortalecimento de práticas mais sensíveis e comprometidas com as realidades juvenis.

Considera-se que, ao compreender as experiências cotidianas dessas jovens, é possível também compreender aspectos centrais da sociedade contemporânea. Como afirmam Abramovay e Castro (2015, p.15):

Os jovens possuem uma importância crucial para o entendimento das sociedades modernas, o seu funcionamento e suas transformações. Entender a juventude é compreender a própria modernidade em diversos aspectos como a arte, a cultura, o lazer e o consumo, entre outros.

Partindo desse entendimento, no contexto das discussões sobre a juventude feminina, é possível realizar uma análise aprofundada sobre o cotidiano das jovens considerando não apenas suas práticas e experiências individuais, mas também as redes de relações sociais, culturais e institucionais nas quais estão inseridas, evidenciando como dimensões como gênero, classe, raça e território atravessam suas vivências. Dessa maneira, compreender o cotidiano dessas jovens significa, ao mesmo tempo, lançar luz sobre os processos mais amplos de transformação da sociedade contemporânea, já que suas trajetórias refletem, em escala micro, os movimentos, tensões e possibilidades que caracterizam a modernidade.

A terapia ocupacional, enquanto campo de prática, toma o cotidiano como objeto de sua ação, reconhecendo que ele é o espaço em que os indivíduos constroem e experienciam suas vidas, suas identidades e suas relações sociais. O cotidiano é entendido como o lugar de construção de sentidos e valores, onde se entrelaçam experiências concretas, culturais, emocionais e afetivas. A partir dessa perspectiva, o cotidiano torna-se não apenas um campo de observação, mas também um espaço de intervenção (Galheigo, 2020), em que a terapia ocupacional social busca promover mudanças nos modos de viver e agir dos sujeitos, ao propor novas formas de enfrentamento dos desafios postos pelas opressões ao buscar a garantia dos direitos de cidadania, inserção e participação social e ampliação das possibilidades de exercício de liberdade (Farias, Lopes, 2022).

No contexto da juventude, o cotidiano se apresenta como um campo dinâmico onde identidades são construídas, desafios sociais são enfrentados e novas possibilidades de existência são exploradas. A partir da perspectiva da terapia ocupacional social, compreende-se que a vida cotidiana das juventudes — especialmente em territórios marcados por vulnerabilidades — é atravessada por múltiplas dimensões, como o pertencimento, a exclusão, a resistência e a potência criativa. Nesse sentido, o trabalho do terapeuta ocupacional social

envolve a construção de estratégias que promovam a inclusão, a autonomia e a ampliação de repertórios de ação. Isso ocorre, por exemplo, por meio da criação de grupos reflexivos com adolescentes sobre temas como gênero, racismo, violência e relações sociais, da oferta de oficinas expressivas e culturais que favoreçam o reconhecimento de si e do outro, e da articulação com políticas públicas para garantir o acesso a direitos fundamentais (Lopes, Malfitano, 2014; Malfitano et al., 2014). Tais práticas visam não apenas responder às situações de opressão e violência vivenciadas no cotidiano desses sujeitos, mas, sobretudo, fortalecer seus projetos de vida e modos de existir no mundo de maneira significativa.

Nesse debate, Heller (2016) contribui ao destacar que, embora a identidade individual esteja sujeita a influências externas que tendem a fragmentá-la, existe sempre a possibilidade de libertação, especialmente quando os indivíduos conseguem suspender temporariamente suas particularidades em favor de aspectos mais amplos da humanidade. Esse processo de suspensão, em que se busca transcender as condições adversas do cotidiano, pode ser acionado nas situações de risco e vulnerabilidade, nos contextos em que os jovens se veem frente a decisões complexas. Para a terapia ocupacional social, essa suspensão da alienação é um dos pontos centrais de intervenção, pois possibilita acionar recursos de enfrentamento que favorecem a liberdade, a ampliação da capacidade de escolha e a construção de caminhos futuros (Farias, Lopes, 2022).

Na abordagem terapêutico-ocupacional social, destaca-se a suspensão do cotidiano como elemento para o raciocínio e a ação. Nesse contexto, a atividade assume a função de suspender (elevar) a rotina diária, possibilitando uma reflexão crítica sobre a vivência. Essa prática estabelece um diálogo entre a singularidade do sujeito e as complexidades coletivas, sejam elas de natureza local ou global, abrangendo aspectos históricos, políticos, econômicos e culturais (Farias e Lopes, 2022).

Para Farias e Lopes (2022), o pensar e o fazer na terapia ocupacional social estão intrinsecamente ligados ao campo da luta, reconhecendo sua função política-ideológica no combate à opressão. Esse campo atua diretamente com sujeitos que, muitas vezes, tem os seus direitos de cidadania violados e participação restrita em níveis político, social, econômico e cultural. São indivíduos que vivenciam processos de rupturas em múltiplos contextos de suas vidas, como destacam Melo, Malfitano e Lopes (2021). Nesse horizonte, a terapia ocupacional social assume como um de seus principais propósitos a defesa e a efetivação dos direitos de cidadania, compreendendo a educação como um pilar fundamental para o acesso a esses direitos e para a construção de processos emancipatórios (Lopes, 2016).

Especificamente no contexto educacional, Pan e Lopes (2022) destacam que a terapia ocupacional social, ao trabalhar com jovens, têm problematizado a centralidade da escola pública como um espaço crucial a ser fortalecido como rede de suporte social para esse público. Além disso, a prática acumulada ao longo do tempo tem demonstrado a relevância de considerar a escola como um lócus privilegiado para o desenvolvimento de ações terapêuticas-ocupacionais, voltadas para processos de conscientização e fomento da participação e emancipação pessoal e social. Dessa forma, a escola é vista como um ambiente que vai além do simples aprendizado acadêmico, sendo também um local de diversidade, socialização e compartilhamento de experiências (Pan, Lopes, 2022).

Assim sendo, ao propor a realização deste trabalho na escola pública, junto a jovens meninas, pretende-se, por meio dos registros de imagens por elas produzidos, compreender como elas vivem, sentem e se organizam em seus cotidianos escolar, familiar e social. A proposta é que, a partir dessa perspectiva, a terapia ocupacional social possa delinear ações que ampliem possibilidades de reflexão e produção de sentidos sobre si e sobre o mundo, junto a escola pública, em vistas ao enfrentamento das opressões de gênero e que ampliem a participação social de jovens meninas. Isso envolve conhecer e valorizar as experiências coletivas, os afetos, as redes de apoio e os territórios que essas meninas ocupam e ressignificam. Com isso, busca-se contribuir para práticas que estimulem o olhar crítico e a construção de trajetórias mais potentes e significativas em seus cotidianos, entendendo, como propõe Galheigo (2020), que é no cotidiano que se produzem as ações em terapia ocupacional.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Compreender as experiências cotidianas de jovens garotas estudantes de uma escola pública.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Captar narrativas visuais por meio da produção de fotografias que representem as experiências e desafios vivenciados por jovens garotas dentro e fora do ambiente escolar;
- Analisar e discutir coletivamente os significados atribuídos às imagens pelas participantes;
- Identificar temas emergentes no cotidiano das garotas participantes;
- Contribuir para a elaboração de práticas educacionais feministas e terapêutico-ocupacionais mais sensíveis às especificidades e necessidades de jovens garotas.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracterizou-se como uma investigação compreensiva, de caráter exploratório e participativo, fundamentada na metodologia Photovoice. Desenvolvida por Wang e Burris (1997), essa abordagem utiliza a fotografia como meio para que participantes expressem suas vivências, reflexões e percepções sobre a realidade em que estão inseridos. O Photovoice possibilita que os sujeitos construam narrativas visuais, promovendo o diálogo crítico e a compreensão coletiva de fenômenos sociais, especialmente em contextos de vulnerabilidade (Araújo et al., 2016).

No presente estudo, a metodologia foi empregada com o objetivo de compreender como jovens meninas estudantes de uma escola pública representam, por meio da fotografia, suas vivências cotidianas, com ênfase em aspectos relacionados à socialização, vulnerabilidades e desafios educacionais. O uso da imagem como recurso metodológico mostra-se especialmente relevante entre jovens, sujeitos com vínculo estreito com o universo visual e digital, fazendo uso cotidiano da fotografia como forma de expressão nas redes sociais (Meirinho, 2017). Nesse sentido, compreende-se que a imagem capturada pode se tornar um objeto social ao ser trazida para um espaço coletivo de diálogo, análise e reflexão, promovendo a construção de conhecimento de maneira horizontal e participativa.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Professor João Batista Gasparin, situada no bairro Residencial Deputado José Zavaglia, localizado na região periférica da cidade de São Carlos/SP. A escolha da instituição deu-se em razão de sua diversidade sociocultural e da sua vinculação prévia com o METUIA/UFSCar¹ no desenvolvimento de atividade de ensino, pesquisa e extensão.

Inicialmente foi realizada a apresentação da proposta do trabalho para a gestão escolar, que foi prontamente acolhida, especialmente tendo em vista as ações desenvolvidas pela escola com vistas ao enfrentamento das desigualdades de gênero, bem como da parceria com o

¹ Sigla utilizada em referência tanto ao núcleo UFSCar da Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social, quanto ao seu Programa de Extensão METUIA – Terapia Ocupacional Social e ao Laboratório METUIA do Departamento de Terapia Ocupacional e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar, o qual congrega Grupos de Pesquisa na área.

A Rede Metuia – Terapia Ocupacional Social, anteriormente denominada Projeto Metuia, criado em 1998, se constitui como um grupo interinstitucional de estudos, formação e ações pela cidadania de populações em processos de ruptura das redes sociais de suporte (Barros et al., 2002), tendo como proposta o desenvolvimento de projetos no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão em terapia ocupacional social e em sua interconexão com diferentes setores (Lopes, Malfitano, 2021). No METUIA/UFSCar, desde 2004, um importante destaque tem sido os projetos focalizados com as juventudes em escolas públicas.

METUIA/UFSCar nessa direção, com destaque para o apoio ao Coletivo Extraordinárias. Tratava-se, naquele momento, de um coletivo organizado pelas próprias estudantes da escola em 2022, com apoio da vice-diretora da época, como um lugar para discussão e mobilização das situações envolvendo opressões vivenciadas por meninas no ambiente escolar, constituindo-se como um espaço de encontro e fortalecimento para adolescentes, promovendo discussões sobre desigualdade de gênero, direitos, autoestima e relações interpessoais

Em 2024, este coletivo passou a se organizar na forma de um Clube Juvenil², passando a se integrar de forma mais sistematizada no cotidiano escolar, fato que favoreceu a realização do estudo, facilitando a participação voluntária das estudantes na pesquisa, bem como a expressão livre de suas experiências e reflexões sobre o cotidiano.

O convite para participação foi aberto a todas as jovens estudantes do gênero feminino, matriculadas entre o 6º e o 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ou 3º ano do Ensino Médio. Cabe destacar que inicialmente a intenção era focalizar o trabalho com estudantes do Ensino Médio, porém, devido à baixa matrícula nessa etapa na escola, ampliou-se a proposta também para as estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental. A participação foi voluntária, e a adesão variou conforme o interesse e a disponibilidade das jovens em cada encontro.

As atividades ocorreram durante os encontros dos clubes estudantis, entre agosto e novembro de 2024, sem interferência nas aulas regulares. Inicialmente, as reuniões foram realizadas quinzenalmente, conforme acordado com a gestão escolar, das 07h30 às 09h30, respeitando os demais compromissos e projetos das estudantes. Contudo, ao longo do semestre, foi necessário flexibilizar a frequência e os horários devido às demandas do calendário escolar. Ao todo, foram realizados sete encontros, distribuídos entre apresentação da proposta, entrega de equipamentos, oficinas temáticas, rodas de conversa, seleção de imagens e elaboração de legendas.

A primeira reunião com as estudantes ocorreu no dia 23 de agosto de 2024, na sala previamente reservada para aquele clube, com a participação de 9 garotas. Nessa ocasião, apresentou-se a proposta da pesquisa, seus objetivos, os princípios da metodologia Photovoice e foi realizado o convite para colaboração das jovens, com entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para autorização, concordância e assinatura dos responsáveis e do Termo de Assentimento Livre e esclarecido (TALE) para assinatura delas. Ressaltou-se que a

² Os Clubes Juvenis são dispositivos do Programa de Ensino Integral (PEI), do estado de São Paulo, pensados como espaços para o fomento do protagonismo juvenil. Organizados pelos próprios alunos, com apoio dos professores e gestão escolar, esses clubes devem se estruturar em torno de temas de interesse dos jovens, para que eles possam desenvolver habilidades de liderança, cooperação e ampliação da participação (SÃO PAULO, s/d).

participação das garotas não era obrigatória, porém, todas elas demonstraram interesse e curiosidade diante da ideia de utilizarem a fotografia para expressar suas vivências e em colaborar com o estudo, retornando com os TCLEs e TALEs assinados no encontro seguinte que marcou propriamente o início da pesquisa.

No dia 6 de setembro de 2024, foi disponibilizada ao grupo duas câmeras fotográficas digital, e as próprias adolescentes organizaram um cronograma de uso compartilhado do equipamento. Algumas optaram por utilizar seus próprios celulares para os registros, conforme sua preferência e conforto. Neste primeiro momento, realizou-se um processo de familiarização com os equipamentos, conversa sobre registros imagéticos e seus significados, principalmente na sociedade contemporânea, bem como da necessidade de cuidado em relação ao processo ético da pesquisa e uso de imagens, com orientações para as garotas não realizassem registros com identificação de pessoas sem autorização prévia.

Na sequência, foi realizada a primeira oficina temática, em 20 de setembro de 2024, que consistiu em uma roda de conversa voltada à identificação de temas do cotidiano que as participantes gostariam de explorar por meio das imagens. A partir dessas discussões, as participantes passaram a realizar os registros fotográficos de forma livre e reflexiva, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

Durante essa oficina, além da escuta sobre os temas que desejavam retratar, foi realizada uma orientação metodológica sobre o processo de pesquisa, reforçando a importância de escolherem cenas que representassem de forma significativa suas experiências e percepções. Utilizamos questões norteadoras para estimular a reflexão, tais como: *“O que vocês costumam fazer durante o dia?”*, *“O que fazem depois da escola?”* e *“Tirem fotos de coisas que representem o dia-a-dia e a história de vocês”*. Essas perguntas buscavam mobilizar memórias, experiências e percepções cotidianas, ampliando o olhar das adolescentes sobre suas realidades e incentivando a escolha de registros que dialogassem com suas vivências mais significativas.

As oficinas seguintes ocorreram em 18 de outubro e 8 de novembro de 2024, com foco na seleção coletiva das imagens produzidas. Durante esses encontros, as garotas compartilharam os seus registros, explicando cada um deles, momento em que foram realizadas mediações para que elas pudessem refletir sobre os sentidos atribuídos às fotos, escolhendo aquelas que mais representavam suas experiências. Destaca-se, nesse processo, a função de mediação do encontro assumida pelas pesquisadoras foi elemento importante, compreendendo o espaço não apenas para coleta e produção dos dados da pesquisa, para também como possibilidade para promover escuta ativa, questionamentos, reflexões e trocas coletivas.

Nos dias 22 e 29 de novembro de 2024, ocorreram as oficinas de construção das legendas das fotos. A partir das trocas coletivas, as participantes elaboraram textos que acompanhavam as imagens selecionadas, contextualizando e aprofundando seu conteúdo visual. As fotografias funcionaram como disparadoras para conversas coletivas, nas quais as garotas compartilharam interpretações, emoções e percepções sobre suas vivências escolares, construindo narrativas sensíveis e potentes.

Durante todos os encontros, de forma complementar, foram realizados registros em diário de campo. Tais registros, em composição com as fotografias e legendas foram reunidos e sistematizados ao final do processo de produção dos dados. A análise foi conduzida a partir da abordagem temática de Braun e Clarke (2006), que possibilitou a identificação de categorias como relações interpessoais, desafios escolares, espaços de pertencimento e projeções de futuro. A interpretação das imagens e das falas buscou evidenciar os sentidos atribuídos pelas participantes às suas experiências escolares.

Ressalta-se que todos os procedimentos metodológicos seguiram os princípios éticos estabelecidos pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo a voluntariedade e a liberdade de desistência a qualquer momento. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, por meio do parecer consubstanciado no número 6.866.342. As identidades das adolescentes foram preservadas por meio do uso de pseudônimos, e as imagens foram tratadas com rigor ético quanto à confidencialidade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise das imagens, das suas legendas e dos relatos associados a elas foi realizada de forma integrada, com o objetivo de não apenas descrever o conteúdo visual, mas também interpretar os significados atribuídos pelas meninas a partir de suas experiências. Foi dada ênfase à forma como as colaboradoras constroem suas percepções sobre o espaço escolar e familiar, suas relações interpessoais e os desafios que enfrentam no cotidiano, considerando as complexidades e as especificidades de suas realidades.

A análise dos resultados foi conduzida a partir da abordagem temática proposta por Braun e Clarke (2006), que permite a identificação e organização de padrões de sentido nos dados qualitativos, facilitando a interpretação das experiências das participantes. Esse processo foi conduzido ao conjunto dos dados reunidos, compostos pelas fotografias produzidas pelas garotas, as legendas e os registros em diário de campo das dinâmicas dos encontros e trocas entre as participantes. O referencial teórico utilizado para as análises envolve discussões inscritas no campo da sociologia das juventudes e da educação, dos estudos feministas e da terapia ocupacional social.

Considerações sobre a escolha metodológica

A abordagem metodológica utilizada possibilitou o acesso a registros visuais e narrativas que abordam questões como pertencimento, identidade, relações interpessoais, desigualdade de gênero e vivências de vulnerabilidade — temas amplamente discutidos na literatura sobre juventude e educação. A proposta do *Photovoice*, conforme apresentada por Wang e Burris (1997), se mostrou potente para fazer emergir as experiências das participantes, permitindo a exposição de suas vivências e perspectivas e favorecendo a troca entre as participantes, que puderam se reconhecer nas experiências umas das outras, fortalecendo a reflexão coletiva e a construção de significados compartilhados sobre seus cotidianos, elementos que reforçaram a importância de considerar o contexto social das juventudes e os modos como elas constroem significados sobre si mesmas e seu entorno, especialmente em cenários marcados por desigualdades, conforme destacam Oliveira e Pan (2023).

Nesse processo, foi possível compreender com maior profundidade o processo vivido pelas participantes ao longo dos encontros. As produções visuais e as discussões coletivas revelaram nuances importantes sobre como essas jovens percebem e representam seus próprios cotidianos. O exercício de fotografar e refletir sobre o cotidiano funcionou não apenas como

uma estratégia metodológica, mas também como um catalisador de conversas e percepções que ultrapassaram o plano técnico e estético.

Durante o processo de criação e produção das fotografias, observou-se que as participantes inicialmente enfrentaram dificuldades em se manter focadas no tema proposto. Muitas optaram por registrar, em um primeiro momento, imagens associadas à estética fotográfica, como paisagens e cenários considerados “bonitos”, distantes da proposta inicial de retratar o cotidiano. Essa tendência à valorização do que é visualmente agradável evidenciou como essas jovens estão constantemente influenciadas por padrões estéticos, internalizando de forma quase automática a busca pelo que é visto como belo. Tal comportamento refletiu não apenas uma dificuldade metodológica, mas também um dado importante da pesquisa: a estética tem forte influência sobre o olhar das participantes, até mesmo quando o foco deveria ser outro.

Esse afastamento inicial em relação ao tema central gerou a necessidade de reorientar o foco da pesquisa por meio de conversas, nas quais se discutiu a importância de registrar aspectos reais e cotidianos de suas rotinas escolares e domésticas. No entanto, essa reorientação também representou um ponto de virada no processo, pois desencadeou discussões mais profundas sobre o que realmente compõe o cotidiano das participantes. A partir disso, emergiram temas como violência, desigualdades sociais e questões relacionadas à autoaceitação — aspectos centrais da vida das jovens que revelaram uma percepção crítica da realidade em que estão inseridas.

Esse processo de reflexão e troca evidenciou que a dificuldade em se conectar com o tema do cotidiano não estava apenas na ação de "tirar fotos", mas também na forma como suas próprias rotinas eram percebidas. Muitas das cenas relacionadas à escola ou às atividades domésticas eram vistas por elas como repetitivas, monótonas e limitadas, como se suas vivências cotidianas fossem marcadas por uma sensação de estagnação. Essa percepção contribuiu para revelar a complexidade do cotidiano das jovens, que, apesar das limitações, conseguiram expressar suas realidades e experiências de maneiras criativas, mesmo que fora das convenções e idealizações iniciais do estudo.

A seguir, serão apresentadas as fotografias selecionadas conjuntamente entre as participantes, que, em suas leituras representam coletivamente os seus cotidianos, refletindo suas percepções e experiências pessoais. Para melhor compreender as múltiplas dimensões dessas vivências, as imagens foram organizadas de modo a revelar uma trajetória simbólica que transita entre o espaço escolar, as práticas de autocuidado e os vínculos afetivos, tanto com os pares quanto com a família.

4.1. ESCOLA: ENTRE O PERTENCIMENTO E OS CONFLITOS



Fotografia 1 - Corredor da escola que as estudantes frequentam

“Local onde dedicamos a maior parte do nosso tempo, um espaço que, em algumas ocasiões é agradável e, em outras, é desagradável”

A imagem do corredor escolar revelou-se potente ao provocar reflexões ambíguas sobre o ambiente escolar. Legendada como “local onde dedicamos a maior parte do nosso tempo, um espaço que, em algumas ocasiões é agradável e, em outras, é desagradável”, foi acompanhada de relatos que reforçam a dualidade da escola como um espaço simultaneamente de afeto e de tensão. Os corredores, espaços de passagem e encontro foram definidos pelas participantes como lugares de convivência e socialização, mas também como ambientes de controle, julgamento, conflitos e manutenção de estereótipos de gênero.

Os relatos das participantes revelaram a escola como um espaço significativo à formação de vínculos, à construção da identidade e à convivência social, em conformidade com Dayrell (1996), ao indicar que a escola ultrapassa sua função de transmissão de saberes e deve ser compreendida como um espaço de múltiplas interações sociais. Essas interações, contudo,

como evidenciado nos relatos, estão imersas em dinâmicas de poder, afeto, reconhecimento e exclusão (Charlot, 2002), podendo gerar tanto acolhimento quanto mal-estar.

A ambivalência vivida nos corredores da escola foi um ponto central nas narrativas: eles são palco para o encontro entre amigas e, ao mesmo tempo, cenários de conflitos interpessoais, rivalidades femininas e vigilância dos corpos e comportamentos. As participantes indicaram que nesses espaços são reproduzidas normas sociais sobre o que é ou não aceitável em relação à aparência, modos de falar, andar ou se posicionar. A escola, nesse sentido, emerge como um território para constante avaliação, regulação e validação — um lugar onde muitas vezes é preciso performar determinados estereótipos (Butler, 1993). Como expresso pela perspectiva de uma das participantes, é um lugar “onde as pessoas não são o que falam que são”, revelando um ambiente de tensões, julgamentos e expectativas que afetam diretamente a experiência escolar.

Essas vivências dialogam com os apontamentos de Pan & Lopes (2022), que reforçam que a escola é um lugar de produção e reprodução de violências, ao mesmo tempo que pode produzir inserção e pertencimento (Bortolini, 2011; Assis et al., 2023). O espaço escolar, longe de ser neutro, é atravessado por desigualdades estruturais, entre elas as de gênero, classe e etnia (Bortolini, 2011). Nos corredores, essas desigualdades se manifestam não apenas por meio de interações diretas, mas por comportamentos e disposições sociais naturalizadas: de acordo com os relatos das colaboradoras, enquanto os meninos ocupam o espaço com liberdade e expansividade, as meninas sentem-se constantemente observadas, avaliadas e julgadas.

Um dos temas mais recorrentes foi a rivalidade feminina, percebida como algo estimulado socialmente e presente no cotidiano escolar. As participantes relataram que os conflitos entre meninas eram mais frequentes do que entre os meninos, geralmente motivados por disputas simbólicas em torno da aparência e/ou de relacionamentos, em geral heterossexuais, do status ou do reconhecimento. Conforme Santos e Oliveira (2019), tal rivalidade é fruto de uma cultura que condiciona o valor das mulheres à validação externa, reforçando a competição em detrimento da solidariedade.

A tensão entre o sentimento de pertencimento e os conflitos também se manifestou nas falas que evidenciam a performance da identidade e a vigilância mútua. Nesse contexto, a escola opera como um espaço onde é necessário “parecer ser” para ser aceito, o que pode gerar desconforto e insegurança. Essas experiências ressoam com a noção de violência simbólica presente em Abramovay (2002), que aponta para formas de violência que não se expressam fisicamente, mas que atravessam os sujeitos por meio de julgamentos, exclusões e humilhações.

As redes sociais, também foram muito mencionadas nas conversas e, em certa medida, apareceram como extensão do ambiente escolar. Elas foram indicadas, ao mesmo tempo, como ferramentas de socialização e de conflito, refletindo — e em muitos casos amplificando — as mesmas dinâmicas vividas presencialmente no contexto escolar. Penna (2008) argumenta que, embora potencializem a comunicação, as redes sociais virtuais podem funcionar como espaços de bullying e hostilidade, sobretudo quando utilizadas como instrumento de controle, comparação ou exclusão.

Outro aspecto importante discutido foi a discrepância entre autoridade e diálogo no ambiente escolar. As garotas mencionaram possuir maior vínculo com professores e profissionais que mantinham uma postura acolhedora, empática e aberta ao diálogo e distanciamento diante de figuras autoritárias, que reforçavam relações verticais e rígidas. Isso corrobora os apontamentos de Pontuschka e Oliveira (2012), que defendem que um ambiente mais horizontal favorece a participação e o bem-estar escolar, enquanto modelos autoritários tendem a afastar os alunos e favorecer práticas excludentes.

Além disso, o sentimento de pertencimento à escola se mostrou diretamente vinculado à forma como as garotas eram tratadas nas suas individualidades. A fragilidade de uma cultura que valorize a diversidade favorece o sentimento de inadequação, especialmente entre aquelas que não se encaixam nos padrões normativos. Segundo Vicente et al. (2015), o simples oferecimento de estrutura acessível não garante inclusão, é necessário problematizar e transformar as barreiras simbólicas e atitudinais que afetam a inclusão plena.

Portanto, o espaço escolar, especialmente seus corredores, como simbolizado na fotografia escolhida pelas colaboradoras, revelou-se como microcosmo das relações sociais mais amplas: um local de disputa simbólica, formação de identidade, construção de laços, mas também de reprodução de desigualdades. A partir da imagem e dos relatos, é possível compreender que a escola, enquanto espaço de socialização e formação, precisa ser constantemente problematizada e ressignificada, para que possa efetivamente contribuir com processos emancipatórios e inclusivos.

‘ Diante de um cotidiano escolar atravessado por conflitos, julgamentos e disputas, torna-se compreensível que as adolescentes busquem espaços e práticas que ofereçam um contraponto à essas vivências escolares e, de uma certa forma, uma fuga do vivido cotidianamente.

4.2. CELULAR: CONEXÕES OU ISOLAMENTO?



Fotografia 2 - Celular com série sendo exibida na tela

“Item essencial, um passatempo, que pode acalmar, aprender várias coisas e se comunicar com as pessoas”

A fotografia capturada por uma das participantes apresenta um telefone celular e foi uma das escolhidas pelas participantes do estudo para representar aspectos dos seus cotidianos, sendo elaborada conjuntamente a legenda: “item essencial, um passatempo, que pode acalmar, aprender várias coisas e se comunicar com as pessoas”. Essa descrição revela a centralidade do aparelho no cotidiano das jovens, sendo não apenas um instrumento funcional, mas um mediador de vivências emocionais e sociais concretas ou subjetivas. A escolha do celular como representação imagética de seu cotidiano evidencia seu papel simbólico e afetivo, transcendendo as funções técnicas ao se inserir em experiências de lazer, conexões sociais e até regulação emocional.

Durante os encontros com o grupo, o uso constante do celular emergiu como uma prática que ocupa diferentes espaços e tempos: nas pausas entre tarefas, como forma de relaxamento após atividades escolares ou domésticas, e até mesmo em momentos coletivos, como nos próprios encontros, nos quais algumas participantes permaneciam com os aparelhos em mãos, dividindo sua atenção entre o mundo físico e o digital. Essa presença contínua ilustra o que Meirinho (2017) descreve como a “imersão digital”, na qual a fronteira entre o online e o offline

se torna difusa. O dispositivo funciona como uma extensão do corpo e mediador da subjetividade, moldando as formas de interação, lazer e percepção de si.

O celular foi descrito por várias participantes como um espaço de acolhimento. Atividades como assistir a séries, ouvir música, conversar com amigas ou apenas "rolar o feed" foram indicadas como estratégias utilizadas para enfrentar situações estressantes, como conflitos familiares, cansaço escolar ou sobrecarga emocional. Nesse sentido, ele atua como um instrumento de compensação afetiva (Bezerra, Lopes, Basso, 2022), amortecendo as pressões do cotidiano e oferecendo alternativas de entretenimento, muitas vezes de fuga da realidade e sentimento de pertencimento. Para jovens participantes do estudo, submetidas a múltiplas exigências, conforme os seus relatos, – seja pela divisão desigual das tarefas domésticas, pelas cobranças estéticas ou pelo desempenho escolar – o espaço digital representa uma forma de cuidado de si.

Contudo, essa conexão intensa com o universo digital não está isenta de ambivalências. Diversos estudos discutem como o uso intensivo das redes sociais digitais pode impactar negativamente a autoestima e a autoimagem, sobretudo de adolescentes e jovens, uma vez que a percepção do corpo e da identidade é frequentemente atravessada por filtros, comparações e validações digitais. Neto e Gonçalves (2013) alertam para o risco da construção de uma autoimagem distorcida, alimentada pela manipulação de fotos e comparação com padrões inatingíveis. Relatos das participantes revelaram esse mal-estar: o desejo de ser “como aquela influencer”, o incômodo com o próprio corpo ao se olhar no espelho e a necessidade constante de aprovação digital medida através de interações e *likes*.

Essa tensão entre ideal e realidade é aprofundada por Brunelli et al. (2019), que destacam como a exposição a imagens idealizadas reforça sentimentos de inadequação e pode contribuir para quadros de ansiedade e baixa autoestima. Essa pressão é ainda mais intensa para meninas, que se tornam alvo frequente de padrões estéticos, comportamentais e morais normativos. Silva (2021) ressalta que a internalização desses padrões pode gerar frustração e sensação de fracasso diante da impossibilidade de corresponder a tais expectativas.

Por outro lado, as redes sociais digitais também podem ser utilizadas como ferramentas de resistência e reconstrução subjetiva. Campaniço (2022) observa que movimentos como o “body positive” encontraram nas plataformas digitais um espaço fértil para promover mensagens de autoaceitação e valorização da diversidade. Algumas participantes relataram que seguem perfis que compartilham frases motivacionais ou conteúdos voltados à saúde mental e ao autocuidado, especialmente de valorização da estética negra. Isso revela que o celular,

embora também possa veicular normas opressoras, possui o potencial de apoiar trajetórias de empoderamento e afirmação, dependendo da forma como é utilizado.

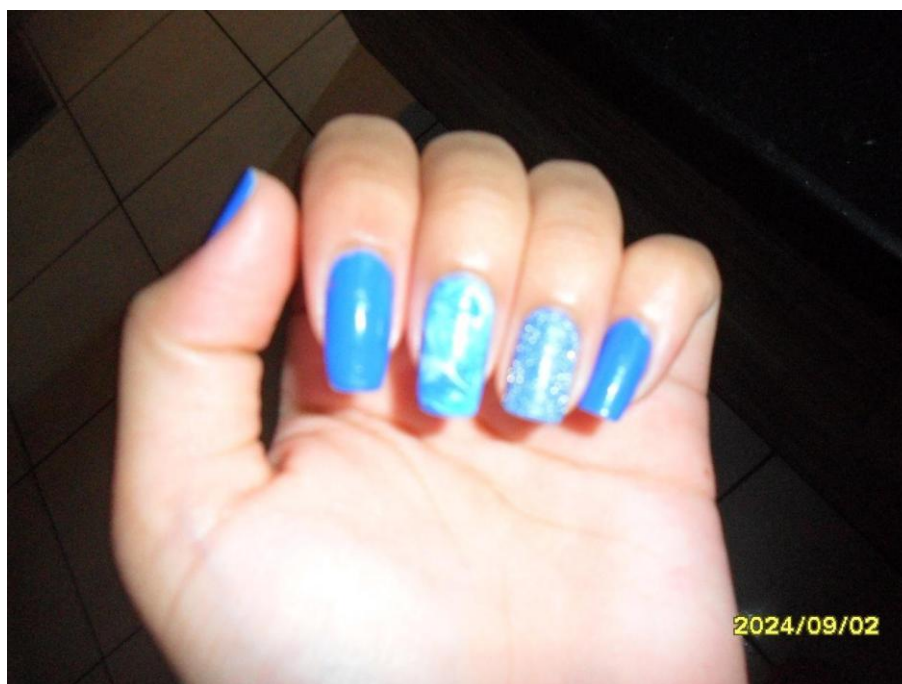
Ainda assim, a discussão coletiva revelou uma preocupação com o uso excessivo do aparelho. A necessidade constante de estar conectada, responder mensagens ou consumir conteúdos novos foi associada pelas participantes a sintomas de ansiedade e sensação de dependência. Gregorio (2023) relaciona essa hiperconectividade à perda da espontaneidade no tempo livre e à substituição de vivências concretas por experiências mediadas virtualmente. Nessa lógica, o descanso muitas vezes é confundido com o consumo passivo de conteúdos digitais.

Nesse contexto, Escobar (2022) diferencia o uso consciente das redes sociais — que pode promover bem-estar — do uso automatizado e compulsivo, que tende a intensificar sentimentos de inadequação. Essa distinção é fundamental: não se trata apenas do aparelho em si, mas da maneira como ele se integra ao cotidiano das garotas, especialmente em contextos como o da realização da pesquisa, marcados por fragilidades e vulnerabilidades.

Por fim, a imagem do celular assistindo a uma série encapsula múltiplas dimensões: é um retrato da busca por descanso e prazer, mas também um símbolo da sobreposição entre o espaço privado e o digital, entre o tempo de atividades compartilhadas e a demanda por conexão on-line contínua. Representa, dessa maneira, as juventudes contemporâneas, que se constrói no entrelaçamento entre telas, afetos, padrões, resistências e solidões. A análise dessa fotografia e das narrativas que a acompanharam evidencia que o celular é, ao mesmo tempo, um facilitador e um limitador de experiências, exigindo um olhar sensível e crítico sobre sua presença nas vidas das jovens.

Acrescenta-se a esse cenário a materialidade do contexto em que vivem essas garotas. O uso recorrente do celular também pode refletir um cotidiano empobrecido em termos de alternativas de lazer, criação e convivência. Fora da escola, foram poucas as opções acessíveis e seguras de ocupação do tempo livre indicadas pelas participantes, o que torna o celular — dispositivo possuído por todas as participantes da pesquisa — uma alternativa relativamente acessível e onipresente que reforça, contudo, o isolamento social. Essa dimensão evidencia desigualdades e reforça a urgência de políticas públicas que ampliem as possibilidades vivências da juventude enquanto uma fase da vida e que fomentem a construção de redes sociais de suporte nos territórios periféricos.

4.3. PINTAR AS UNHAS: ENTRE A EXPRESSÃO DE SI E A AFIRMAÇÃO DE PADRÕES



Fotografia 3: unhas longas e pintadas

“Algo de cuidado, que faz se sentir confortável consigo mesma e que fica bonito para si e para as outras pessoas. Uma forma de se proteger para não ser criticada”

Para a imagem de uma mão com as unhas “feitas” escolhida pelas jovens como representativa dos seus cotidianos foi elaborada a legenda “algo de cuidado, que faz se sentir confortável consigo mesma e que fica bonito para si e para as outras pessoas. Uma forma de se proteger para não ser criticada”, revelando camadas de significados relacionados à estética na construção das identidades ao pertencimento e à regulação social do corpo feminino. A prática, descrita como recorrente pelas participantes, faz parte de suas rotinas semanais, realizada muitas vezes em espaços da própria escola, e se manifesta como um rito que ultrapassa o simples cuidado estético — é um gesto carregado de intencionalidades sociais e simbólicas.

As narrativas evidenciaram que manter as unhas feitas proporciona às participantes uma sensação de bem-estar e conforto, reforçando sua autoestima e, ao mesmo tempo, funcionando como estratégia de proteção diante de olhares e julgamentos externos. A menção explícita ao desejo de evitar críticas indica a existência de uma vigilância social constante sobre seus corpos e aparências. Como argumenta Louro (2000), o corpo feminino é historicamente regulado por normas de asseio, beleza e comportamento, que são introjetadas desde cedo e operam como mecanismos de controle e disciplina.

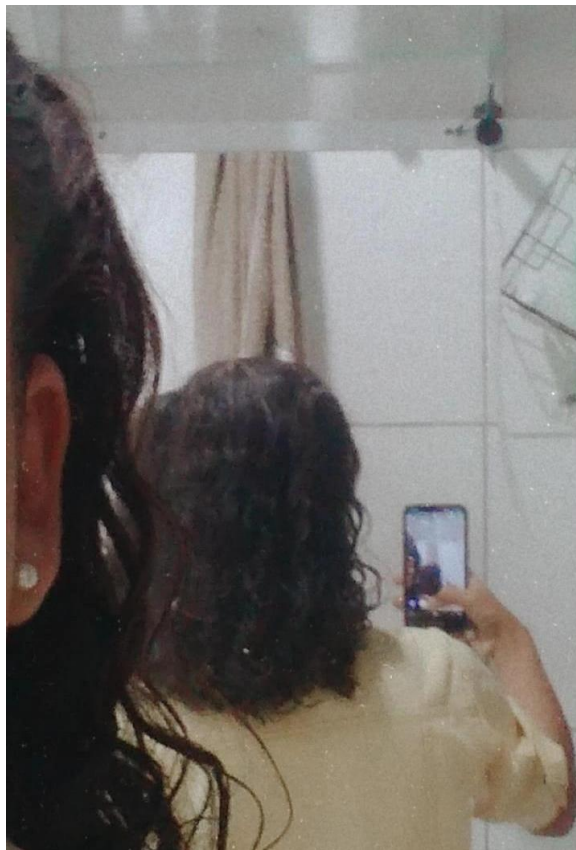
No contexto das participantes, esse cuidado também deve ser compreendido à luz das desigualdades que atravessam seus cotidianos. Em territórios marcados pela escassez de recursos, pela precariedade de políticas públicas e pela ausência de espaços culturais e de lazer, o autocuidado estético adquire um papel ainda mais relevante. Dantas (2022) propõe a ideia de "ambiências restritivas" para descrever contextos sociais que limitam o desenvolvimento pleno de seus moradores. Nessas condições, práticas como fazer as unhas tornam-se uma das poucas formas de expressão, valorização e autoria acessíveis às jovens — permitindo-lhes afirmar-se, mesmo em meio a restrições materiais e simbólicas.

A busca por aceitação social, expressa no desejo de estar “bonita para si e para as outras pessoas”, não é isolada. Hino et al. (2019) destacam que, em uma cultura patriarcal, a aparência das mulheres é alvo constante de monitoramento, sendo frequentemente transformada em critério de julgamento moral. Assim, práticas como o cuidado com as unhas podem funcionar simultaneamente como proteção e adequação, revelando uma relação ambígua com os padrões de feminilidade: são formas de agência e expressão pessoal, mas também respostas às exigências normativas.

Ao escolher cores, formas e estilos, as garotas exercem certo grau de autonomia sobre sua imagem e sua identidade inscritas, porém, em um campo de tensões. Até que ponto essas escolhas são realmente livres? A dualidade entre desejo pessoal e pressão externa aparece com força nas falas das participantes, revelando que o autocuidado estético não pode ser analisado apenas como prática individual, mas como parte de um processo coletivo de socialização, vigilância e negociação com as normas sociais.

Assim, a fotografia selecionada ilustra não apenas um hábito comum entre as jovens, mas revela como pequenos gestos do cotidiano carregam significados relacionados à identidade, ao pertencimento e à forma como elas lidam com as exigências sociais. Pintar as unhas, nesse contexto, é menos um ato isolado de vaidade e mais uma prática que comunica valores, protege de julgamentos e permite algum grau de expressão pessoal em um ambiente onde as opções de afirmação e reconhecimento são limitadas. Entender essas práticas é essencial para compreender como jovens garotas constroem suas experiências em contextos marcados por desigualdades, encontrando, nas brechas do cotidiano, caminhos possíveis de cuidado, proteção e significado.

4.4. CABELOS: ENTRE AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE E NORMAS ESTÉTICAS



Fotografia 5: Cabelo cacheado em processo de transição capilar refletido no espelho
“Processo de aceitação, o cabelo, para nós, é uma coisa muito importante”

As duas fotografias escolhidas pelas garotas representam imagens de cabelos em processo de transição capilar e “finalizados”, para as quais elaboraram a seguinte legenda: “Processo de aceitação, o cabelo, para nós, é uma coisa muito importante”. O processo de transição capilar é uma referência ao período em que uma pessoa, em geral mulheres, deixam de usar procedimentos químicos para alisar o cabelo e passar a assumir a textura original dos fios, crespos ou cacheados. Já o processo de finalização são técnicas utilizadas para modelar e definir os fios após lavar os cabelos com uso de cremes, geralmente feito por mulheres com cabelos crespos, cacheados ou em transição capilar. As imagens registradas pelas participantes, o fato de escolherem mais de uma fotografia e legenda elaborada, mostram que o cabelo, para elas, é mais do que um traço estético — é um marcador social, simbólico e identitário, especialmente entre meninas negras e racializadas. Em outros registros o cuidado com o cabelo também apareceu, reforçando que essa temática não foi apenas pontual, mas ocupa lugar de destaque nos seus cotidianos, refletidos nas conversas e reflexões coletivas do processo desta pesquisa.

Durante a conversa sobre as fotografias, o tema emergiu com intensidade: muitas participantes relataram acordar bem mais cedo do que o necessário para garantir que seus cabelos estivessem finalizados antes de saírem para a escola. Algumas, inclusive, afirmaram que chegaram atrasadas por conta disso. Esse esforço revela o quanto o cabelo está diretamente ligado à percepção de autoestima, associando o autovalor à estética. Segundo as garotas: “Se o cabelo não estiver ‘bom’, nada está também”. A dimensão desse cuidado é grande: trata-se de uma rotina que ultrapassa a vaidade e parece se configurar como prática de autoproteção simbólica e social. No processo de conversa entre as garotas, foi interessante observar, também, como a prática de cuidado com os cabelos é, também, um meio de socialização entre elas, na medida em que se estabelecem processos de trocas sobre as experiências, técnicas e produtos.

Segundo Gomes (2008), o cabelo crespo ou cacheado, associado à negritude, foi e ainda é atravessado por estigmas produzidos por um ideal eurocêntrico de beleza, no qual o cabelo liso é tido como referência ideal de beleza. Utilizar os cabelos assumindo a forma natural dos fios é, portanto, também reivindicar o direito de existir fora dos padrões coloniais, sem vergonha ou necessidade de alisamento, refletindo, não apenas uma escolha estética, mas uma afirmação política e subjetiva.

Lanyelle e Aléssio (2021) destacam que o processo da transição capilar representa para muitas meninas negras um caminho de autoconhecimento e valorização, ainda que atravessado por tensões. Essa valorização, no entanto, não ocorre de maneira isolada: é constantemente vigiada, julgada e comentada — tanto no ambiente escolar quanto nas redes sociais. Assim, o

cabelo torna-se uma fronteira entre o autocuidado e o enfrentamento aos padrões normativos de beleza.

Além disso, o ato de finalizar o cabelo, escolher o tipo de creme, testar texturas, usar lenços ou fazer penteados pode também ser compreendido como uma forma de autoria e expressão de si. Schwarzinger (2018) interpreta essas práticas como territórios de criatividade e empoderamento entre adolescentes negras, sobretudo quando articuladas com influenciadoras digitais que compartilham seus próprios percursos de aceitação capilar. Nesse ponto, as redes sociais digitais ganham aqui novamente destaque, muitas participantes da pesquisa relataram seguir criadoras de conteúdo que ensinam como cuidar dos cachos, contribuindo para um sentimento de identificação, pertencimento e validação.

Por outro lado, essa prática revela uma desigualdade evidente no acesso ao tempo e a recursos financeiros para compra dos cremes, que cada vez ganham maior variedade e espaço no mercado. Enquanto alguns jovens apenas se vestem rapidamente para ir à escola, essas meninas precisam negociar seu tempo e seus recursos — muitas vezes limitados — para dar conta de um cuidado que, embora prazeroso, também é exigido. O cabelo, então, ao mesmo tempo que é fonte de potência, também é espaço de tensão: se não estiver "bem apresentado", pode gerar olhares atravessados, comentários ou sentimentos de vergonha. Nessa direção, pode-se questionar a prática de finalização que, compreendida como um procedimento necessário para que os cabelos estejam arrumados e bonitos, acaba por reforçar a pressão social, ainda que sob outros padrões estéticos.

Essa experiência está diretamente relacionada ao conceito de “violência simbólica” proposto por Bourdieu (2007), que aponta para formas sutis de opressão que se manifestam por meio da imposição de normas e padrões hegemônicos — muitas vezes naturalizados. O corpo negro, e especialmente o cabelo crespo, é alvo constante dessa violência, sendo moldado ou julgado a partir de critérios excludentes. Como afirma Gomes (2008), o corpo da mulher negra é historicamente regulado por práticas de embranquecimento, e o cabelo é uma das principais frentes dessa disputa simbólica.

No espaço escolar, é frequente que normas e padrões impostos acabam reproduzindo estereótipos que dificultam o reconhecimento e a valorização da diversidade estética e cultural das alunas. Essas dinâmicas normativas podem limitar a expressão das identidades e afetar o sentimento de pertencimento, criando desafios para que as estudantes se sintam plenamente acolhidas e respeitadas em sua singularidade. Nesse contexto, o cabelo torna-se um elemento central na disputa por visibilidade, respeito e inclusão.

Em síntese, as imagens dos cabelos finalizados revelam muito mais do que um cuidado estético: elas capturam práticas cotidianas carregadas de significados subjetivos, históricos e sociais. Ao retratar e refletir sobre seus cabelos, as garotas expressaram resistências silenciosas, possibilidade de reconfiguração das normas que lhes foram impostas, ao mesmo tempo que introjetam novos padrões. O cabelo, nesse caso, se apresenta como símbolo de conflito: é afirmação e linguagem de identidade que confronta padrões estéticos racistas, ao mesmo tempo que reforça normas a serem seguidas.

4.5. POTÊNCIAS E FRAGILIDADES NA REDE DE AMIZADES ENTRE GAROTAS



Fotografia 6: Pés de duas amigas usando sapatos parecidos

“Amizade é importante, mas é difícil confiar nas pessoas; colegas são muitos, amigos são poucos”

A fotografia escolhida pelas participantes do estudo simboliza a amizade e a importância atribuídas a relações interpessoais, ao mesmo tempo em que a legenda por elas elaborada, “Amizade é importante, mas é difícil confiar nas pessoas; colegas são muitos, amigos são poucos” evidencia a complexidade dessas relações, permeadas por desafios como desconfiança, rivalidades e processos de segregação, especialmente no espaço escolar. A escola, para essas

jovens, é uma “segunda casa” — ou até mesmo a “primeira”, dado o tempo significativo que ali passam —, sendo o principal espaço para a construção de vínculos sociais e de amizade, mas também para expressão de conflitos.

Essa dinâmica encontra respaldo na literatura, que aponta o ambiente escolar como espaço fundamental para a socialização e desenvolvimento identitário (Dayrell, 1996). As interações presentes ali influenciam diretamente a aprendizagem, o comportamento e as dinâmicas relacionais, conforme destaca Charlot (2002). Porém, tais relações nem sempre são isentas de dificuldades. Os conflitos e as disputas, perpassados por hierarquias de gênero e classe interferem na formas como os vínculos são construídos. Essas desigualdades podem levar a formas variadas de violência, incluindo a psicológica, o bullying e a segregação social (Abramovay, 2002), comprometendo a construção de um espaço harmonioso de amizade e do sentimento de confiança entre pares.

Durante o processo de conversa sobre as fotografias, o exemplo mais mencionado pelas participantes que remete a esses conflitos foi relacionados com disputas entre as estudantes do gênero feminino, com expressões do tipo “escola de garotas complicadas” ao mesmo tempo que avaliaram que “rola muita fofoca em relação às meninas”. As participantes destacaram em suas falas a constante rivalidade feminina no ambiente escolar, apontando que as brigas entre meninas eram frequentes e representavam um fator de desmotivação para frequentar a escola. Comentários como “algo que desmotiva ir à escola são as brigas” e “como existe muita rivalidade entre as meninas, temos dificuldades na união, mesmo sendo muito conversado sobre isso aqui” ilustram como esse fenômeno afeta diretamente o cotidiano e a convivência das estudantes. Essa rivalidade, expressa contraditoriamente no próprio depoimento das garotas ao identificarem a escola como sendo “de garotas complicadas”, pode ser entendida como manifestação das tensões e disputas que permeiam as relações de gênero, refletindo dinâmicas sociais mais amplas que influenciam a construção da identidade feminina e a percepção do espaço escolar. Segundo Abramovay (2002), a violência nas instituições de ensino vai além das agressões físicas, incluindo formas simbólicas e psicológicas que atingem especialmente grupos vulnerabilizados, como as mulheres. A rivalidade feminina no contexto escolar pode estar associada à reprodução de estereótipos e à competição por reconhecimento social dentro dos grupos, o que frequentemente desencadeia conflitos, fofocas e segregação. Embora a gestão escolar e professores tentem intervir por meio de diálogos e orientações ou mesmo pelo apoio de iniciativas mais específicas, tais como o Coletivo de Meninas criado nesta escola, essas ações nem sempre são suficientes para superar as barreiras culturais e sociais que sustentam essas dinâmicas conflitantes. Assim, pode-se notar que essa rivalidade dificulta a construção de

solidariedade e apoio mútuo entre as jovens, elementos essenciais para o fortalecimento das redes de amizade e para o enfrentamento das opressões de gênero produzidas e reproduzidas no ambiente escolar.

Outro aspecto que chamou atenção foi o relato das participantes de que as relações de amizade construídas entre elas raramente ultrapassam o espaço escolar. Em que pese o tempo significativo que ficam diariamente na escola, as garotas mencionaram que raramente se encontram com as amigas fora do ambiente escolar ou aos finais de semana, mesmo morando próximas uma das outras.

Ganha ainda mais relevância nesta trama de complexidade, a centralidade das redes sociais digitais, indicadas pelas participantes como o principal meio para manter as relações fora do espaço escolar. Ao mesmo tempo, foi mencionado, também, como elas favorecem a amplificação de focos e os conflitos disso decorrentes.

O papel da escola, nesse contexto, vai além da transmissão de conteúdos acadêmicos, cabendo-lhe promover um ambiente reflexivo, que não apenas valorize as diversidades de gênero, etnia e classe social, mas que também estimule a participação democrática, o diálogo e fomente ações de enfrentamento às violências vivenciadas dentro e fora do ambiente escolar (Dayrell, 1996).

4.6. COMIDA COMO MARCA ESTÉTICA E DE VIVÊNCIAS



Fotografia 7: Um pote de sorvete de açaí
“Lugar de conforto”

A fotografia do pote de sorvete de açaí destacou-se entre as imagens selecionadas pelas participantes, para a qual foi elaborada a legenda “um lugar de conforto”, simbolizando não apenas a presença do alimento, mas os momentos de convívio, afeto e sociabilidade que a comida pode representar. No entanto, a relação com a alimentação, revelou-se marcada por complexidades e contradições.

Durante as trocas sobre a fotografia escolhida, emergiu a contradição presente no comportamento alimentar das garotas e, mais uma pressão, as pressões estéticas vividas. As garotas remeteram que comer coisas gostosas, tal como sorvete de açaí, é um desejo constante, nem sempre possível pois limitado pelos recursos financeiros, e a sua realização é uma forma de conseguir algum tipo de conforto e acolhimento; ao mesmo tempo comer, também desencadeia sentimentos de culpa e conflito. Frases como “me privo de comer e acabo desmaiando, mas não como para não engordar” ilustram esse dilema, onde a busca pelo controle de um corpo magro conflita com a necessidade fisiológica e emocional de se alimentar. Essa tensão reflete um processo complexo, no qual a comida, ao mesmo tempo em que pode ser

fonte de prazer e socialização, torna-se também um elemento carregado de sofrimento e autocobrança.

Essa dualidade entre prazer e culpa no ato de comer reflete o modo como os padrões estéticos impostos socialmente incidem sobre o corpo feminino, moldando comportamentos e percepções sobre si mesmas (Bourdieu, 2007). As jovens internalizam expectativas sociais de magreza e controle, e essa vigilância constante sobre o corpo, como aponta Foucault (1987), opera como uma forma de poder disciplinar, em que o sujeito se torna responsável por vigiar e punir o próprio corpo. Nesse sentido, comer deixa de ser um ato simples de nutrição e passa a ser um campo de disputa simbólica, marcado por prazer, restrição e culpa.

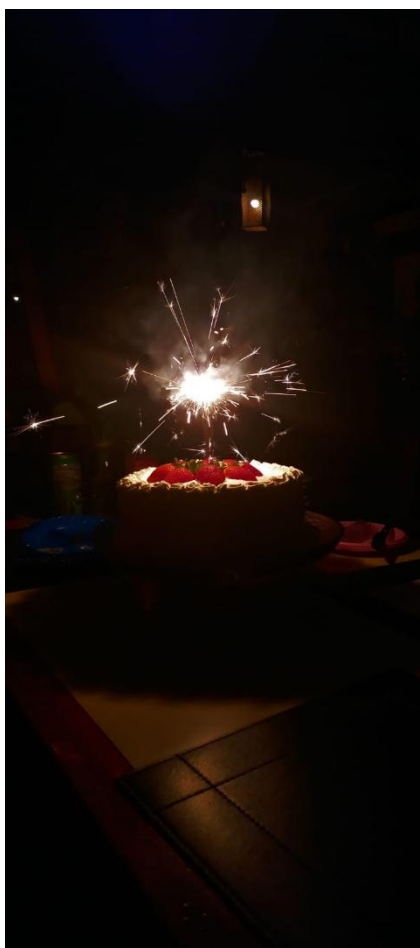
Nesse sentido, a fotografia escolhida traduz a ambivalência vivida cotidianamente pelas garotas: o desejo de vivenciar experiências prazerosas se confronta ora com as limitações financeiras, ora com as opressões advindas de padrões estéticos. Explorando um pouco a centralidade que a comida pareceu ter no cotidiano das participantes, foi perguntado sobre como se dá a alimentação no espaço escolar, uma vez que elas passam a maior parte do tempo neste ambiente. Algumas das participantes revelaram que não consomem o alimento fornecido pela escola, preferindo levar comida de casa, por não gostarem do cardápio e/ou da qualidade do alimento dado. Entretanto, houve relatos sobre colegas para quem a alimentação fornecida é essencial, chegando a constituir uma das principais ou únicas refeições do dia, evidenciando a importância da política pública de alimentação escolar para garantir segurança alimentar em contextos de vulnerabilidade social. Como analisa Douglas (1972), o alimento é também um marcador de pertencimento e identidade, expressando fronteiras sociais e culturais entre grupos. Assim, a comida ultrapassa seu valor nutricional e se transforma em uma linguagem social, na qual o que se come e como se come comunica status, afetos e modos de viver.

A alimentação escolar tem papel fundamental na segurança alimentar e nutricional dos estudantes, especialmente daqueles em contextos de vulnerabilidade socioeconômica. No Brasil, o direito à alimentação adequada está garantido pela Constituição Federal de 1988, que estabelece, em seu artigo 6º, a alimentação como direito social. Especificamente, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), instituído pela Lei nº 11.947/2009, garante a oferta de alimentação saudável, suficiente e adequada aos alunos da rede pública de ensino em todo o país.

Porém, a partir dos relatos das participantes da pesquisa, para além da necessidade básica e de um direito social, a comida carrega também significados simbólicos, na medida em que o acesso a diferentes tipos de alimento, especialmente aqueles associados ao prazer, como no caso do sorvete de açaí ou na possibilidade de levar comida de casa para as refeições a serem

feitas na escola, se torna uma diferenciação social, mesmo em contextos de vulnerabilidade social. Soma-se a isso o fato de que o acesso a diferentes tipos de comida, condicionado pelos recursos financeiros, em contextos como o da pesquisa — nos quais as possibilidades de ampliação de experiências são limitadas — passa a representar uma oportunidade de experimentar o novo e de se inserir em universos simbólicos e sociais mais amplos. Nesse ponto, é possível compreender a fotografia do pote de açaí como uma metáfora de resistência e de desejo: resistência frente às privações e pressões estéticas, e desejo por conforto, prazer e pertencimento, elementos centrais para a constituição subjetiva e social dessas jovens.

4.7. CELEBRAÇÃO, AFETO E DESIGUALDADES



Fotografia 8: Bolo de aniversário com vela acesa

“Celebração é importante e reunir as pessoas também, amigos e família, não é sempre que acontece, mas quando acontece ficamos felizes”

A última foto selecionada pelas participantes retrata a celebração de um aniversário, mencionado por elas como momentos especiais e marcantes, ainda que nem sempre façam parte de sua rotina. Foi elaborada a legenda: “Celebração é importante e reunir as pessoas também,

amigos e família, não é sempre que acontece, mas quando acontece ficamos felizes”, sintetizando as reflexões por elas elaboradas: o bolo, nesse contexto, ultrapassa a função de alimento e assume uma carga simbólica importante, representando o afeto, a presença das pessoas queridas e a oportunidade de criar lembranças significativas em meio às exigências cotidianas.

Esse simbolismo pode ser compreendido à luz das análises de Bourdieu (1996), ao considerar que práticas aparentemente simples, como o ato de reunir-se à mesa, constituem espaços de produção e reprodução de laços sociais e afetivos. O alimento, nesse caso, se transforma em mediador de pertencimento e identidade, especialmente para adolescentes cujas rotinas são atravessadas por exigências e restrições cotidianas. A celebração do aniversário, portanto, é menos sobre o bolo em si e mais sobre o reconhecimento de si mesmas enquanto dignas de cuidado, presença e alegria compartilhada.

Durante a conversa sobre a fotografia e o processo de elaboração da legenda, as garotas relataram que esses momentos festivos, mesmo que esporádicos, proporcionam uma pausa nas responsabilidades e fortalecem laços afetivos com familiares e amigos. A presença — mais do que presentes — foi apontada como o elemento central dessas celebrações. Ainda que nem todas comemorem seus aniversários anualmente, a simples lembrança de estar rodeada de pessoas importantes desperta sentimentos de pertencimento, reconhecimento e autovalorização.

Essas reflexões abriram caminho para temas mais profundos que atravessam o cotidiano dessas adolescentes, como o papel da família e, em especial, da figura materna em suas vidas. Foi recorrente o relato de vínculos fortes com as mães, que são constantemente citadas como referência de cuidado, esforço e dedicação, sendo símbolo do afeto cotidiano e também referência de motivação para o futuro, inspirando frases como “meu sonho é me formar e deixar minha mãe orgulhosa”.

Ao mesmo tempo, buscando explorar um pouco mais das relações familiares das garotas, por meio de perguntas sobre como eram seus cotidianos e dinâmicas familiares, a menção ao afeto foi acompanhada de relatos sobre uma divisão desigual das responsabilidades domésticas. Muitas participantes relataram que, apesar de viverem com irmãos homens, são elas as únicas responsáveis pelas tarefas domésticas, pelo fato de a mãe e/ou mãe e pai trabalharem fora. Uma das participantes relatou que sua mãe justifica essa divisão dizendo que ela fazia “de forma adequada”, enquanto os irmãos não eram cobrados. Esse tipo de argumento naturaliza um padrão estrutural de gênero, no qual o cuidado e o serviço doméstico são atribuídos às mulheres desde a infância, como analisado por Scott (1990) e, também, observado em outros estudos junto a jovens garotas (Oliveira, Pan, 2023).

Tal constatação evidencia o que Biroli (2018) define como a permanência de um “trabalho invisível” das mulheres — aquele que sustenta a vida cotidiana e as relações familiares, mas raramente é reconhecido socialmente. Desde cedo, essas jovens são socializadas a internalizar o papel de cuidadoras e responsáveis, o que reforça desigualdades de gênero e limita suas possibilidades de vivência plena da juventude.

A desigualdade de gênero aparece, portanto, não apenas como um tema teórico, mas como uma vivência concreta das garotas. Expressões como “os homens são mais desleixados para as coisas” e “essa coisa de ‘não sei fazer’ na verdade é falta de vontade” demonstram que elas possuem uma percepção crítica sobre a maneira como a sociedade trata o papel masculino no cuidado e nas obrigações domésticas, fruto de suas próprias vivências cotidianas, que as fazem identificar, muitas vezes com frustração, que os homens e garotos de seu convívio não assumem responsabilidades iguais.

Essa consciência crítica revela um processo de resistência simbólica, como discute Bourdieu (2001), em que as experiências pessoais se transformam em leitura social do mundo, ainda que nem sempre de forma organizada ou politizada. É nesse campo microssocial que se constroem pequenas rupturas e questionamentos que, embora sutis, desafiam a naturalização da desigualdade de gênero.

Essa sobrecarga tem impactos diretos na trajetória escolar das participantes. Algumas relataram que precisarão — ou cogitam — mudar de escolar, principalmente por estudarem em período integral para assumir o cuidado de sobrinhas ou realizar tarefas domésticas, corroborando o que estudos sobre trajetórias juvenis no Brasil vem, recorrentemente indicando em relação à uma cobrança maior em “ser menina”: uma exigência silenciosa que impõe obrigações de tarefas domésticas e cuidado de terceiros (IBGE, 2019, 2023).

Dessa forma, ainda que a imagem de um bolo de aniversário possa parecer uma referência a uma simples celebração, se entrelaça a um universo simbólico mais amplo. Representa o desejo de reconhecimento em meio à cotidianos marcados por responsabilidades desiguais e rotinas cansativas. O bolo, nesse sentido, se converte em metáfora de resistência e desejo — resistência à invisibilidade cotidiana e desejo de ser vista, celebrada e cuidada. A celebração, portanto, é um gesto político e afetivo, um lembrete de que, apesar das desigualdades estruturais que atravessam suas vidas, essas garotas seguem afirmando sua existência e sua potência de sonhar (Biroli, 2018).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender e as vivências cotidianas de jovens garotas estudantes de uma escola pública, utilizando o método do Photovoice como ferramenta central para expressão, escuta e reflexão. Ao longo do percurso metodológico, que envolveu registros fotográficos, encontros para compartilhamento dos registros e seus significados, trocas entre as participantes e legendagem coletiva, emergiram narrativas que revelaram aspectos da vida escolar, das relações sociais, das tensões de gênero e das estratégias de potencialização da vida mobilizadas pelas participantes.

As imagens e legendas produzidas evidenciaram que o cotidiano escolar é atravessado por contradições. A escola aparece, ao mesmo tempo, como um espaço de pertencimento e criação de vínculos afetivos, mas também como um território de disputas simbólicas, vigilância, conflitos e segregação na vivência das participantes. Os depoimentos sobre rivalidade, fofocas e dificuldades em confiar nas colegas revelam como as dinâmicas de socialização são marcadas pelo gênero e por expectativas normativas que afetam diretamente suas vivências na escola.

Práticas aparentemente simples, como arrumar o cabelo, pintar as unhas ou uma comida gostosa, foram registradas e ressignificadas pelas participantes como formas de autocuidado, afirmação identitária e de experiências de prazer. Essas ações cotidianas ganham um valor simbólico, revelando a luta constante dessas jovens por pertencimento e por se sentirem bonitas em um contexto que historicamente marginaliza seus corpos, desejos e modos de ser. Nessa direção, as conversas que puderam emergir das fotografias revelam como, ainda que técnicas que valorizem estéticas não hegemônicas, também podem reproduzir padrões estéticos e reforçar a pressão para que as jovens se mantenham bonitas, tornando-as, em certa medida, reféns dessas mesmas exigências.

O celular e as redes sociais digitais também apareceram com destaque nos registros e depoimentos das participantes. Os celulares foram apontados como recursos essenciais para comunicação, lazer e acesso a conhecimentos, mas também como elementos que promovem ansiedade, isolamento e cobranças estéticas. A ambivalência do uso dessas tecnologias evidencia que há uma certa crítica por parte das participantes o mesmo tempo que parece não haver outras alternativas a seu uso; nessa direção, podemos apontar a necessidade de maior reflexão sobre os usos do celular, mas, especialmente, o investimento em políticas públicas de lazer para as juventudes que favoreçam trocas efetivas por meio de encontros presenciais e que contribuam para o fortalecimento de redes sociais de suporte.

Corroborar com isso a indicação feita pelas participantes de que as relações de amizade e os vínculos interpessoais são fundamentais, mas muitas vezes frágeis, atravessados por conflitos e fofocas, inflados pelas redes sociais digitais e rivalidades entre garotas.

Ainda que as imagens registradas pelas garotas não tenham revelado explicitamente vivências de desigualdades de gênero no ambiente familiar, a busca por aprofundamento de elementos trazidos nas fotografias, revelaram desigualdades na divisão de tarefas domésticas quando comparadas a seus irmãos, influenciando o desejo de passar menos tempo na escola para não se sobrecarregarem com tais obrigações. Esse cenário mostra que ainda que o debate sobre o sistema patriarcal tenha ganhado mais visibilidade no espaço público, sendo aspecto de crítica das próprias participantes em diversos momentos do estudo, há um longo caminho de problematização da divisão sexual do trabalho, que acontece desde muito cedo como aqui apontado, para o enfrentamento das desigualdades de gênero.

A utilização do Photovoice como método para produção dos dados mostrou-se potente não apenas para registro das situações concretas vivenciadas pelas participantes; o processo de socialização das fotos de cada participante, as conversas que emergiram e as trocas e reflexões para elaboração das legendas propiciaram o acesso a dimensões subjetivas das suas experiências, integrando aspectos individuais e coletivos e visibilizando aspectos que muitas vezes são negligenciados por análises centradas apenas nas dimensões concretas e objetivas do cotidiano. A fotografia e as reflexões emergidas no processo possibilitou que olhares sensíveis se transformassem em narrativas visuais repletas de significado, tornando tangível a experiência cotidiana das garotas participantes do estudo.

Ressalta-se a mediação dos momentos de compartilhamento e troca entre as participantes central nesse processo, pois favoreceu a plena participação de todas as colaboradoras. Nesse sentido, indicamos a potencialidade do Photovoice não apenas como método para pesquisas para também como ferramenta para intervenções em terapia ocupacional social com objetivos de problematização e reflexão da realidade social, com vistas a sua transformação.

Esta pesquisa não busca oferecer respostas fechadas, mas abrir caminhos. Caminhos para que o cotidiano de jovens garotas seja compreendido como território vivo, permeado de contradições, conflitos e disputas também de potencialidades, resistências e desejos. A escola pública, especialmente aquela de tempo integral, ocupa um lugar central nesses cotidianos e deve continuar a ser pensada como um lócus para intervenções em terapia ocupacional que busquem o enfrentamento das situações de opressão vividas cotidianamente pelas juventudes,

com suas diferentes marcas – de gênero, de classe, de raça, de sexualidade – com vistas ao exercício de suas liberdades.

6. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. (Org.). **Cotidiano nas escolas: entre violências**. Brasília: Unesco, 2006.
- ABRAMOVAY, M. **Escola e violência**. Brasília: Unesco, 2002. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000128717> . Acesso em: 15 fev. 2025.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; PINHEIRO, L. C.; LIMA, F. S. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**. Brasília: Unesco, 2002. Disponível em: https://repositorio.minedu.gob.pe/bitstream/handle/20.500.12799/1379/2002_Abramovay_Juventud,%20violencia%20y%20vulnerabilidad%20social%20en%20Am%C3%A9rica%20Latina%20desaf%C3%ADos%20para%20pol%C3%ADticas%20p%C3%BAblicas.pdf. Acesso em: 05 fev. 2025.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, Mary Garcia. **Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira**. 2015.
- ALEGRE, M. B. S. **Impactos do uso excessivo das redes sociais na saúde mental: ansiedade, autoestima e comparação social**. 2024. Disponível em: [https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/3951/1/TCC%20Finalizado%20M%C3%B4nica%20Beatriz%20Soares%20Alegre.docx\(1\).pdf](https://repositorio.unilasalle.edu.br/bitstream/11690/3951/1/TCC%20Finalizado%20M%C3%B4nica%20Beatriz%20Soares%20Alegre.docx(1).pdf). Acesso em: 19 fev. 2025.
- ALMEIDA, J. S. **As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade**. Serie-estudos, 2011. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/es/revista/serie-estudos/articulo/as-relacoes-de-poder-nas-desigualdades-de-genero-na-educacao-e-na-sociedade>. Acesso em: 02 fev. 2025.
- ALMEIDA, Sílvia Cristina et al. **Diversidade e equidade na escola: reflexões sobre marcadores sociais da diferença**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. Disponível em: <https://www.editoracontexto.com.br/media/wysiwyg/pdf/Diversidade-e-Equidade-na-Escola.pdf>. Acesso em: 01 maio 2025.
- ALVES, J. E. D.; CORRÊA, S. **Igualdade e desigualdade de gênero no Brasil: um panorama preliminar, 15 anos depois do Cairo**. UNFPA Brasil, 2009. Disponível em: https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/brasil_15_anos_cairo.pdf. Acesso em: 12 fev. 2025.
- ARAÚJO, Eliane Lúcia Rocha et al. **Photovoice como ferramenta de empoderamento de adolescentes em situação de vulnerabilidade social**. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 3, p.

885-894, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/DwBTP7gJb8sGf7ztF5RyVnK/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2025.

ARAÚJO, H. C. de et al. **O Photovoice como instrumento de pesquisa qualitativa em educação ambiental: um estudo exploratório com adolescentes portugueses**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 725-742, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/VXzTSmML4BHyXtDR4tk9HRF/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2025.

ARAÚJO, Lia et al. **Photovoice como estratégia de intervenção socioeducativa com crianças, jovens e pessoas idosas: perspectivas de futuros Educadores Sociais**. In: Atas do XIII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação—Fronteiras, Diálogos e Transições na Educação. Escola Superior de Educação de Viseu, 2016. p. 1784-1789.

ASSIS, Simone Gonçalves de; CONSTANTINO, Patrícia; AVANCI, Joviana Quintes; NJAINE, Kathie (Orgs.). **Violência escolar: impactos e estratégias de enfrentamento**. São Paulo: Editora UNESP, 2023.

BARROS, D.D. **Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 15, n. 3, p. 90-7, set./dez., 2004.

BEZERRA, Mariana; LOPES, Roseli Esquerdo; BASSO, Ana Cláudia. Juventude e desigualdade social: desafios da terapia ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 33, e134905, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/134905>. Acesso em: 05 fev. 2025.

BEZERRA, Waldez Cavalcante; LOPES, Roseli Esquerdo; BASSO, Ana Carolina de Souza. **As estruturas da vida cotidiana e a terapia ocupacional: tensionando limites e possibilidades no/do exercício profissional**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 30, p. e3031, 2022.

BIROLI, Flávia. **Família e desigualdades de gênero: a reprodução da subalternidade feminina**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 33, n. 97, p. 1-22, 2018. Acesso em: 11 fev. 2025.

BORTOLINI, A. **Diversidade sexual e de gênero na escola**. Revista Espaço Acadêmico, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13953>. Acesso em: 11 fev. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 1996. Acesso em: 11 jun. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. Acesso em: 11 jun. 2025.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. Acesso em: 11 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. **Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 jun. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111947.htm. Acesso em: 12 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 12.582, de 05 de agosto de 2013. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. **Using thematic analysis in psychology**. Qualitative Research in Psychology, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 12 fev. 2025.

BRUNELLI, P. B.; AMARAL, S. C. S.; SILVA, P. **Autoestima alimentada por “likes”**: uma análise sobre a influência da indústria cultural na busca pela beleza e o protagonismo da imagem nas redes sociais. Revista Philologus, 2019. Disponível em: http://filologia.org.br/xi_sinefil/completos/autoestima_PRISCILA.pdf. Acesso em: 18 fev. 2025.

CAIRES, N. J. A. **Adicção às Redes Sociais em Estudantes Universitários: Relação com a solidão, impulsividade e autoestima**. 2024. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/163104/2/696894.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2025.

CAMPANIÇO, M. **Autoestima e satisfação de vida dos utilizadores da rede social Instagram**. 2022. Disponível em:

<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/41524/1/Mariana%20Campani%C3%A7o.pdf>.
Acesso em: 20 fev. 2025.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola:** como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, n. 8, p. 432–443, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2025.

COBO, B.; CRUZ, C.; DICK, P. C. **Desigualdades de gênero e raciais no acesso e uso dos serviços de atenção primária à saúde no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/kKcDWgfGzS58qxCKG7QHDVj/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

CORREIA, C. S.; SOUZA, S. J. Violência e vulnerabilidades: os jovens e as notícias de jornal. Fractal: **Revista de Psicologia**, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/47VZn9MjdTdhNdNYKTz9nWR/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2025.

COTRIM, L. R.; PRONI, M. W. **Desigualdade de gênero no mercado de trabalho formal no Brasil.** Observatório 2030, 2020. Disponível em: <https://observatorio2030.com.br/wp-content/uploads/2022/03/Desigualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho-formal-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

DANTAS, R. F. **Violência e vulnerabilidades urbanas:** teoria da ambiência restritiva. Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dilemas/a/BHxcTR35FjHfTcJ8WtTr8hN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2025.

DAYRELL, J. **A escola como espaço sócio-cultural.** Belo Horizonte, 1996. Disponível em: <https://ensinosociologia.milharal.org/files/2010/09/Dayrell-1996-Escola-esp%C3%A7o-socio-cultural.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2025.

DAYRELL, J. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação & Sociedade, Campinas, v. 24, n. 85, p. 1105-1128, set./dez. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302003000400004>. Acesso em: 11 fev. 2025.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo:** um ensaio sobre os conceitos de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70, 1972. .Acesso em: 11 fev. 2025.

ESCOBAR, M. B. **Influência do tempo de acesso e quantidade de redes sociais utilizadas na insatisfação com a imagem corporal e na autoestima de adultos**. 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/241570/001142146.pdf?sequence=1>. Acesso em: 18 fev. 2025.

FARAH, M. F. S. **Políticas públicas e igualdade de gênero**. Mulheres Progressistas, 2004. Disponível em: <http://www.mulheresprogressistas.org/AudioVideo/Pol%C3%ADticas%20p%C3%BAlicas%20e%20igualdade%20de%20g%C3%AAnero.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

FARIAS, M. N., & LOPES, R. E. (2022). **Terapia ocupacional social, anti opressão e liberdade: considerações sobre a revolução da/na vida cotidiana**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, 30(spe), e3100. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN234531001>. Acesso em: 10 fev. 2025.

FARIAS, Natália Pereira; LOPES, Roseli Esquerdo. **Terapia ocupacional social: práticas e perspectivas**. São Carlos: Editora UFSCar, 2022. Disponível em: <https://www.livraria.ufscar.br/terapia-ocupacional-social>. Acesso em: 05 fev. 2025.

FIGUEIREDO, G. C.; FAUSTINO, H. H. **Violência e vulnerabilidade social: Impacto da intervenção psicossocioeducativa na garantia de direitos**. 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6788958.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023**. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br>. Acesso em: 01 julho 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. Acesso em: 01 julho 2025.

FRIGOTTO, G. **Trabalho, educação e saúde**. SciELO Brasil, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/zQ8Gc4nzcz3y5kSfcxqdRZk/?lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2025.

GALHEIGO, S. M. (2020). **Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional. 28(1), 5-25. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2590>. Acesso em: 11 fev. 2025.

GALHEIGO, Sandra Maria. **Cotidiano e terapia ocupacional: perspectivas teóricas e práticas.** São Paulo: Hucitec, 2020. Disponível em: <https://www.editorahucitec.com.br/cotidiano-e-terapia-ocupacional>. Acesso em: 12 fev. 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Acesso em: 11 jun. 2025.

GREGÓRIO, I. S. **Uso das redes sociais em jovens adultos: Estudo sobre a relação do uso das redes sociais com a solidão, autoestima e satisfação com a vida.** 2023. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/9479>. Acesso em: 18 fev. 2025.

GUIRALDELLI, R. **Adeus à divisão sexual do trabalho?: desigualdade de gênero na cadeia produtiva da confecção.** Sociedade e Estado, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/93kRWJRdWyT85LKRxtLZj3n/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

HELLER, A. (2016). **O cotidiano e a história.** São Paulo: Paz e Terra.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016. Disponível em: <https://www.editorapazterra.com.br/o-cotidiano-e-a-historia>. Acesso em: 18 fev. 2025.

HINO, P.; TAKAHASHI, R. F.; NICHATA, L. Y. I. **As interfaces das dimensões da vulnerabilidade face à violência contra a criança.** Revista Brasileira de Enfermagem, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/hDhLZt5KShRBZ9q9ghQWk5t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2025.

HIRATA, H. **Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero.** 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0080210716305106>. Acesso em: 11 fev. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População Brasil.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 08 de dezembro. 2023

IPEA. **Violência contra a mulher: mapeamento das políticas públicas no Brasil.** Brasília: IPEA, 2021. Acesso em: 01 de julho. 2025

JUNG, N. M. **Identidades sociais na escola: gênero, etnicidade, língua e as práticas de letramento em uma comunidade rural multilíngue.** Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115757/000380762.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2025

LANYELLE, Simone; ALÉSSIO, Maria. **Cabelos crespos e cacheados como lugar de resistência e identidade**. Revista Interfaces da Educação, v. 12, n. 35, p. 302–320, 2021. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/interfaces/article/view/19243>. Acesso em: 11 jun. 2025.

LOPES, Roseli Esquerdo. **Terapia ocupacional social: fundamentos e práticas**. São Paulo: Editora Hucitec, 2016. Disponível em: <https://www.editorahucitec.com.br/terapia-ocupacional-social-fundamentos-e-praticas>. Acesso em: 18 fev. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Gênero_sexualidade_e_educacao.html. Acesso em: 17 set. 2025.

LOURO, G. L. (2014). **Corpo, Escola e Identidade**. Educação & Realidade, 25(2). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46833>. Acesso em: 10 jun. 2025.

MALFITANO, A. P. S. et al. **Práticas ocupacionais em contextos de vulnerabilidade social: por uma Terapia Ocupacional Social**. Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, v. 22, n. 2, p. 345–351, 2014. Acesso em: 01 de julho de 2025

MALFITANO, A. P. S.; LOPES, R. E. Terapia Ocupacional Social: desenhos teórico-metodológicos para a atuação em cenários de vulnerabilidade. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO**, v. 4, n. 3, p. 305–319, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/31407>. Acesso em: 01 de julho de 2025

MARGULIS, M. y URRESTI M. (Org.). **La juventud es mas que una palabra: enDayrellayos sobre cultura y juventud**. Buenos Ayres: Editorial Biblos, 1996.

MEIRINHO, D. **Pesquisa visual e análise de imagens: potencialidades e desafios metodológicos**. Sociologia, Problemas e Práticas, v. 85, p. 257-273, 2017. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/sociologiapp/article/view/15161>. Acesso em: 05 fev. 2025.

MEIRINHO, Daniel. **A fotografia participativa em investigações sociais com jovens: dilemas e limitações do método Photovoice**. Fotografia brasileira, 2020

MEIRINHO, Daniel. **O olhar por diferentes lentes: o photovoice enquanto método científico participativo**. Discursos fotográficos, v. 13, n. 23, p. 261-290, 2017.

MEIRINHO, Danielle. Fotografia e juventudes: a visualidade na construção da identidade juvenil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, n. 80, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/WNRFJ8PCFXTYGRF9JH4ZJ7M/?lang=pt>. Acesso em: 05 fev. 2025.

MORAIS, A. P. P.; VIEIRA-MEYER, A. P. G. F. **Violência e vulnerabilidade no território do agente comunitário de saúde: implicações no enfrentamento da COVID-19**. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/MhZNVSpqns8H7Kkxh5p7W5Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 fev. 2025.

MOSCHKOVICH, M.; ALMEIDA, A. M. F. **Desigualdades de gênero na carreira acadêmica no Brasil**. *Dados*, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/LgVhs5k7bhQNgRyCvKBTRs/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

NETO, F.; GONÇALVES, J. Influência da frequência de uma Universidade Sênior no nível de solidão, autoestima e redes de suporte social. **Revista Eletrônica de Psicologia**, 2013. Disponível em: <https://artigos.revistaepsi.com/2013/Ano3-Volume1-Artigo4.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2025.

OLIVEIRA, Heloísa Fernandes de; PAN, Livia Lhullier Smaniotto. **Gênero, infância e violências: intersecções para pensar as infâncias femininas**. In: DIAS, Mônica K.; BENTO, Berenice (org.). *Gênero e infância: intersecções e deslocamentos*. São Paulo: Cortez, 2023. Disponível em: <https://www.editoracortez.com.br/genero-e-infancia-interseccoes-e-deslocamentos>. Acesso em: 01 maio 2025.

OLIVEIRA, M. T., & PAN, L. C. (2023). **Projetar a vida sendo menina: contribuições da terapia ocupacional social**. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31, e3562. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO273735621>. Acesso em: 08 dez. 2025.

OLIVEIRA, Saulo Campos; PAN, Livia Celegati. **Gênero e juventude: desafios da pesquisa em terapia ocupacional**. São Carlos: Editora UFSCar, 2023. Disponível em: <https://www.livraria.ufscar.br/genero-e-juventude>. Acesso em: 18 fev. 2025.

ONU MULHERES. **Violência contra meninas e adolescentes no Brasil: desafios e recomendações**. Brasília, 2021. Acesso em: 01 julho. 2025.

PAN, Livia Celegati; LOPES, Roseli Esquerdo. **Escola e juventude: espaços de acolhimento e emancipação.** Educação & Sociedade, v. 43, n. 155, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/VKTXM7FYFXQTTW8Z9RQ6QKJ/?lang=pt>. Acesso em: 18 fev. 2025.

RAMOS, D. P. Pesquisas de usos do tempo: um instrumento para aferir as desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/dd7GmdrmmwjvLYXRt7hrfZg/>. Acesso em: 11 fev. 2025.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, A. & OLIVEIRA, B. (2019). "Construções discursivas da sororidade em mídias sociais." **Revista ECO-Pós**, 22(3), 177-195. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27601/pdf. Acesso em: 27 fev. 2025

SCHWARZINGER, Luana. Cabelos crespos, estética e empoderamento: reflexões a partir da experiência de adolescentes negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 3, p. 1–17, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/1980-5918ref20182603>. Acesso em: 11 jun. 2025.

SCOTT, Joan. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, v. 16, n. 2, p. 71-99, 1990. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 18 fev. 2025.

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia:** ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. Buenos Aires: Prometeo, 2003.

VASCONCELOS, A. M. N.; FERREIRA, I. C. B. **Violência urbana: a vulnerabilidade dos jovens da periferia das cidades.** Encontro Nacional de População, 2008. Disponível em: <https://proceedings.science/encontro-abep/abep-2008/trabalhos/violencia-urbana-a-vulnerabilidade-dos-jovens-da-periferia-das-cidades?lang=pt-br> . Acesso em: 15 fev. 2025.

WANG, C.; BURRIS, M. A. **Photovoice: Concept, Methodology, and Use for Participatory Needs Assessment.** Health Education & Behavior, v. 24, n. 3, p. 369-387, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/109019819702400309>. Acesso em: 05 fev. 2025.

WANG, Caroline; REDWOOD-JONES, Yvonne. **Photovoice Ethics: Perspectives from Flint Photovoice**. Health Education & Behavior, v. 28, n. 5, p. 560-572, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/109019810102800504>. Acesso em: 02 fev. 2025.